

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Petersbourg
Assinaturas

ANNO... 25 francos
SEMESTRE... 12 " "
AVULSO... 1 " "
De cada número 24 Ilustrações por tintas e 20 francos por anno.

2º Anno. — Volume II. — Número 1.

PARIS 20 DE JANEIRO DE 1885

Director: MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 70, R. do Ouvidor.
Assinaturas

ANNO... 12 francos	12.000
SEMESTRE... 6 " "	6.000
ANNO PROXIMAS	14.000
AVULSO... 1 " "	300



VICTORIEN SARDOU

Autor da nova tragédia *Trágedia*

A ILLUSTRAÇÃO publicará no proximo numero um conto original do seu brillante colaborador Coimbra Fidalgo, intitulado A MALUCA DA OS CORVOS, ilustrado por ANTONIO RAMALHO.



ETÁ ultima quinzena não trouxe para cima da minha mesa senão livros de versos. E poesia, meu caro leitor, que vou fallar-te. Tem paciencia. Eu sei que o assumpto não te agrada. Sei também que tu e eu temos ideias tão oppostas sobre este assumpto que não vejo senão o adverbio diametralmente para exprimir d'um modo correcto a situação em que elles se acham umas em relação ás outras. Tu tens pelos poetas um considerável desdém; eu, um entusiasmo muito mais consideravel. Um poeta é ainda para ti um ente fundamentalmente inutil, ocioso, incapaz, com melena longa e caspa.

Eu considero os poetas como multo mais pres-tadios, uicias e indispensaveis á sociedade do que os medicos, os advogados e até do que os consules de todas as classes (que os meus collegas me perdoem, attendendo a que se os assassino, tembem me suicido). Tu não falias de versos senão com o tom ligelro, enfatizado e levemente sarcastico com que se falla das coisas frivolas, sem applicação praticas e sem resultado positivo; eu, entendo que os versos são muito mais necessarios ao conforto humano do que os cobertores de papa, os caloriferos, os grogs quentes no inverno, os leques e os gelados de verão. Em summa, para ti, o verso não é uma linguagem; e, para mim, a prosa é que não é uma linguagem. Esta proposição perdeu de resto toda a sua apparentia paradoxal, desde que Theodore de Baunville, o divino artista, a demonstrou irrefutavelmente n'uma chronica intitulada, se bem me recordo, *Pontos sobre alguns i i.* Alludindo a celebre definição do professor de M. Jourdain, no *Bourgeois-Gentilhomme*, *Tudo o que não é prosa é verso e tudo o que não é verso é prosa*, o Mestre escreve: «Ella não me contenta; eu vejo bem o que é verso, agora o que eu não vejo tanto facilmente é o que não é verso. Não ha pagina de grande escriptor onde sob o artificio da prosa apparente verso não esteja escondido aos olhos profanos, como uma aspide mysteriosa, prompto porém a lançar-se, silvando, agitando o cascavel de rima e desenrolando os animes dos seus dacilos ou dos seus jambos, quando um leitor iniciado o desinhava bruscamente, apoiando com a inflexão de voz o compasso da recitação na medulha flexivel da sua cesura.

É mesmo a sciencia maravilhosa e indefinivel do Numero e do Rythmo o que dá à linguagem de certos prosadores celebres esse encanto irresistivel, esse harmonia divina, esse balanco voluptuoso que nos acalenta, nos embalha e nos transporta ao luminoso extase. Não há prosa sem verso, entendamo-nos, não é a prosa do sr. X... ou do sr. Z... que eu me refiro; não há prosa grande, elevada, sublime sem que o seu machismo inexorável trabalho como o dos chonometros da precisão sobre um grande numero desses bellos resplandecentes rubins que se chamam: os versos. São elles, os inalteraveis e fulgurantes eixos em que todo a ideia se appóia, em que se finca todo o esforço mental. Querem um exemplo, ao acaso? Quando no seu livro a

Holland, o sr. Ramalho Ortigão escreve, falando da barca nacional, holandesa: « De momento a momento vista assim, através da corrente verdejante, a vela palpita, e concorre o mastro parece o aceno de uma velha mão, abençoando amiga as caesas... d'ouro. » Se elle julga ter escrito prosa, ficará surpreendido de saber que faz cinco deliciosos versos heroicos, gracia à transposição de duas palavras e à junção d'uma outra apenas. *Quidquid tentabam dicere versus erat.* Isto já era verdade no tempo de Ovidio, e continua a sé-lo.

Fallemos dos livros de versos. *A tout sel-gne tout honneur.* Eis o segundo volume das *Poesias de Catulle Mendès*. O primeiro volume, publicado ha mezes, intitula-se *Hespérides*. É um poema swedenborgiano — vago, nebuloso como uma visão de nevoeiro. O volume actual, colleção de poemas dispersos nas columnas do *Parnaso contemporaneo* e da *República das Letras*, denomina-se *Contos epicos*, título quo muitas vezes produz uma aerea dissonancia com a nota commovida, melancolica, ou simplicemente graciosa, de certas composições, tais como *A ultima abelha*, *Um milagre de Nossa Senhora*, etc. Esta ultima, um verdadeiro prodigo de escultura e de ornamentação, é uma das mais bellas produções do livro. Mas logo a par, veem o *Consentimento*, as *Imprecações d'Agar*, o *Leão*, tantas vezes traduzido em portuguez, uma d'ellas, com rara felicidade pelo meu amigo, visconde de Monsaraz, o *Predestinado*, *A filha do Doum*, que o conde de Sabugosa traduziu deliciosamente tambem, e finalmente *Os dois Bispos*, composição irrepreensivel, que atinge o ideal da perfeição do plano e da forma, porque não se imagina que possa haver uma-palavra a tirar, a ajustar, a substituir na sua prodigiosa execução.

Sem o vasto folego, a envergadura de aza, a imaginacão vulcanica de Hugo, Catulle Mendès tem todavia muitos pontos de contacto com o Mestre. A cada passo, ao voltar de uma cesura, ao ruído de duas rimas que se chocam, se sente a parecenza que não é a imitação mas que é o ar de familia. Catulle Mendès é de resto como sabem um dos pares da Joven França e um dos commensales da Tavola Redonda a que preside cinda hoje no seu trono de ouro, aquelle novo e mais glorioso Carlos Magno.

Querida Lisboa, queres ouvir o soneto que tu inspiraste a um poeta em 1859?

Escuta:

LISBONNE

La Mer! L'immanisité des flots bleus, puis le Tagus
Le fort Julian ! fatal aux prisonniers.
Et Belém d'est Vasco-le-Grand quitte la plage
Pour frayer des chemins nouveaux aux autorouteurs.
L'Ajuda, qui des ans subit déjà l'outrage.
Des musulins tout pareils à des vieux pigeonneaux
Des paix, des maisons qui, d'étege en d'age,
Se hissent dans les airs par des grans escaliers.
Des ruines et des fleurs, des tombes et des roses
Et des vasseaux ancrés au pied des anciennes,
Frisonnantes, inquietes, paroîts à des oiseaux,
Un peuple qui jadis aimait les grandes choses
Et qui, il n'a conservé de sa prospérité
Que des ballons de purpuré et que sa vanité.

Que tal. Hei! Apresse-me a levar ao conhecimento das pessoas que a este instante estejam já a fazer as malas para vir a França estrangular este vate insolente, que elle já não é d'este mundo e que o soneto supra faz parte d'um volume de versos posthumos que a livraria Hachette agora acaba de editar plenamente. O poeta chamava-se Alfred Busquet, esteve em Espanha e em Portugal ha pouco mais de vinte annos, e escreveu as suas impressões de viagem em verso.

As suas poesias sobre a Espanha, copias servis de Musset, estão cheias das extraordinarias rimas de manha com *navaixa*, pronunciadas, *mola* e *navaixa*, *gallegas* com *caballerías*,

etc., etc. Toda uma Espanha de zarzuela, farsa, absurda, esfaldada de tocar os mesmos bôleros uns mesmas castanholas, ha mais de cem annos, appareço traduzida por estrophes em que a cór local é obtida pelos processos barcos das lithographies d'Epinal.

O nosso paiz não lhe levanta muito o estro acima da chateira ordinaria. A torre de Belém inspira-lhe um soneto exirinho em que se vê Dom Manuel acompanhando Vasco da Gama, na occasião da partida para a descoberta do caminho da India,

pieds nus, couronne en tête,

o que já é muito curioso; mas o melhor é que D. Manuel, para o vêr partir, sobe ate o alto da torre de Belém (!) donde pouco depois desce para se ir sentir á margem do Tejo, quo fica de boca aberta de se ouvir chamar *fluv'e jaune*, coisa que ainda ninguem antes do poeta Bus-

quet se lembrara de lhe chamar.

O resto do volume contém varias traduções de diversas linguas, algumas poesias amaveis, uma ou outra imagem feliz. Mas o tom geral é opaco e leitoso. N'esta epocha de brilho, de exhuberancia e de violencia, este livro nada diz e nada significa. O amigo que enfeixou n'um volume estas pobres flores de além da campa, mais proprias a vicejar no silencio e na sombra, do que ao ar mordente e vivo da publicidade litteraria, não foi bem inspirado pelo seu piedoso sentimento...

* *

As *Campões de Abril* [um titulo que G. Junqueiro não ha de ver com muito bom humor em livro alheio] por Eugenio de Castro, nome que procuro em vão ligar a qualquer outra recordação litteraria, são uma das mais frescas e vivosas promessas que tenho visto desabrochar no nosso sólo fecundo de poetas. Sem preocupações de sistemas philosophicos nem de escolhas litterarias, o estro do joven escriptor brota extontaneo, facil, calmo como um veio d'água campestre que se coepulta facilmente de não ser um caudal impetuoso, por isso que assim melhor reflecte as estrelas, d'ouro, a atmosphera pura, o vôo das pombas, e o pudor das alvêradas,

É nas pequenas composições de 2 ou 3 estrofes que prima o moço poeta. O *Retrato*, a *Trança*, as *Chimeras* são verdadeiros poemas-símbolos de sentimento e de melancolia. O que me surprende n'este formoso bouquet de flores primaveris, é que é quasi todo composto de saudades ou de goivos pendentes. Falta-me neste livro a nota alegre, triunfante, entusiastica, a vermelha fanfarra dos 15 annos, entoada a plenos pulmões e pondo em fuga os desaleatos, os desenganos, e as tristezas noctívagias. É por isso que eu acho o titulo mal escolhido. Não são canções, são elegias, não é abril que canta, é um novembro precoce e tristemente choroso. É possível que aos 15 annos se seja assim curvado e grave? Os orphãos, mesmo os engravidados, os desherdados da sorte taem n'este quadra da vida o olhar brillante, as faces rosáceas e nos labios a flor purpurea do riso. Que o joven poeta reaja contra essa bruma cinzenta que lhe enrubia o espírito; e sua harpa tem uma corda de ouro feita para cantar vibrante e forte.

Aos quinze annos, vive-se n'um oriente em braço, a alegria respira-se com o sol, bebe-se com a agua, absorve-se com a luz. Todo um mundo de voluptuosidades impacientes espia, encioso em torno a nós e despertar encantador dos sentimentos que dormem. É uma genese divina, o mundo nascê de novo em cada homem, o sol desponta, o céu fulgura, cada alma é uma Eva exaltada! Não estrague este momento unico, sublime, que não mais voltará na sua existencia por mais longa que seja, afaste os olhos dos atuaides e dos círculos chorudo-lagrimos de cera funebre, ponha-os nos nimbos, e nos berços pilotos; nas frontes morenas, nos labios rubros, nos scios de neve candentes. Amo, desejo e sufra o martyrio devorador da puberdade insaci-

vel, é esse a dor da sua ideia, é esse o único tormento que lho é permitido sofrer e cantar. Não antíope as tristezas da velhice, não corre no encontro das magcas, elas o apinhão sempre cedo de mais. Cante o amor, não o amor inveja e choroso que faz sorrir as mulheres, mas o amor triunfante, vitorioso, domador de tigres e das bellas insensíveis!

Que o seu proximo livro se chame, se tem gosto pelas antonomásias, As «Nentas de Júneiro» mas que um Abril triunfante e autêntico esfolhe dentro d'ele grinaldas de canções musgosas!

O jovem poeta deve desconfiar um pouco do seu ouvido que de vez em quando o enganou. Logo na 1.ª poesia, o Cyprante, encontro este alexandrino errado, entre muitos fráuscos :

Eterno companheiro, vigia colossal.

Na poesia a Musa, uma das mais fracas do livro, nota este settsyllabo detestável :

E o sol co' as palfetas, etc.

verso týpico de ideia e paralytico na forma.

Para não deixar o leitor sob a impressão d'esta critica de detalhe, ah! vão duas deliciosas estrofes colhidas ao acaso :

LAGRIMAS

Numa manhã, de um lyro transparente
Entre as eburnas pálidas milanesas
O orvalho chorou suavemente
Dua pequenas lagrimas saudosas,

E assim como essas lagrimas de orvalho
No lyro achavam prácio engaste
Em meu peito encontraram apazalho
As lagrimas gentis que tu choraste.

JAYNE DE SEGUERA.

AS NOSSAS GRAVURAS

VICTORIEN SARDOU

SARDOU é de novo o grande personagem da actualidade. Acaba de pôr em cena mais uma peça; Paris aplaudiu-a doidamente; d'aqui a pouco tempo os mesmos estridentes aplausos bão de socalholo em toda a França e em toda a Europa e em toda a América.

Chama-se *Theodora*, a nova peça de Sardou. O sucesso que ella está tendo em Paris é também devido a que é um novo gênero dramático que Sardou acaba de abordar — a tragedia, e d'esta vez tragedia em prosa — e de que elle seu vencedor. Tragedias em verso não faltam, mas pegar da prosa e tirar-lhe os mesmos arranques e os mesmos effeiços que Victor Hugo podia tirar dos seus alexandrinos, é que é o difícil. Mas como talento e habilidade não faltam àquele que escreveu *Patin de Mouche* (*Per causa d'uma carta*, onde Santos foi eminentíssimo), e *Rabigas*, e *Nos intimes*, e *Daniel Rochat*, e *Odette*, e *Divorçons*! e *Fedoras*, e tantas outras peças de primeira ordem — a vitória era fácil de prever.

Sardou é actualmente um dos autores franceses mais aplaudidos e mais representados pelo mundo inteiro. Se o começo da sua carreira foi difícil, hoje a sua fortuna é invejável e mais invejável ainda o seu renome. Mas tudo o que é deve-o a si, exclusivamente a si, tendo aberto caminho apenas com os seus homens, e sem auxilio de padrinhos, através da multidão.

O retrato do celebre dramaturgo que a *Illustração* hoje publica é o mais moderno que exista de Sardou; é devido ao buril do nosso emblemático colaborador Chi. Baudé. E o Sardou ha de gozar dias, tal qual o podem ver os que habitam Paris, e que n'uma tarde de vento d'alem um passeio para os latos de Bougival, ate Marly, onde possue o seu soberbo palacete, e donde olha a imponente capital estendida

sobre a linha do horizonte, este Paris que depois de tanto anno de luta elle perfumou, conquistou, divertindo-o com as suas brilhantes inventões, com o riso cheio e incomparável das suas comedias, ou fazendo-o estremecer com os gritos magistras das suas dramas. E ali, em Marly, sobre as margens tranquillas e frescas do Sena, que elle trabalhou contentemente, lendo, classificando as suas gravuras de que possue uma preciosa coleção, compilando velhos pergaminhos, sonhando bonitas construções em Nice onde é um rico proprietário, novos jardins em Marly, sempre artista e curioso, passando d'uma gravura de Debucourt a um romance de Walter Scott, indo de Felibres a Molière e de Beaumarchais a Shakespeare; — e, ainda dia, inviavelmente, até às trez horas, escrevedo no seu gabinete de trabalho do rez-de-chão, alegre, cheio de sol, as piores das cohortes d'objtos d'arte, a larga porta aberta solte a verdura do parque, com a branca das estatuas sorrindo, lá ao longe, por entre os tufos das arvores...

ROSA PAE

ARTÉ dramática acaba de perder um dos seus mais brilhantes e mais extraordinários cultores.

A Rosa pae, da quem a *ILLUSTRAÇÃO* publica hoje o retrato, era um d'estes artistas que marcaram uma época na arte d'um país, que deixam um nome que nunca mais se pode apagar da historia d'um Theatro nacional, como o deixou Samson e como o ha de deixar Coquelin e Delunay no theatro francês, como o ha de deixar Rossi e Salvini no theatro italiano.

Foram nossos pais e mesmo nossos avós que nos deixaram a gloriosa tradição das suas eminentes criações na *Fidalgo pobre*, no *Livro negro*, no *Maestro Pavilla*, no *Alfageme* e no *Fr. Luiz de Sousa*. Mas os da nossa geração ainda puderam admirar o soberbo artista no *Morgado de Fafe* e no *Marquis de la Seglière* onde tinha por companheiros de scena Lucinda Sánchez e seu filho Jóao Rosa, sendo a peça representada d'um modo verdadeiramente notável, podendo comparecer com qualquer dos desempenhos magistras que tem tido na *Comédie Française*.

Há annos que Rosa pae abandonara de todo o theatro. A idade era já avançada e a sua carreira tinha sido das mais trabalhosas. Quando se quer produzir alguma cosa bem, é necessário estudar muito, e não são numerosos os artistas que, como este, podem de parte o repouso e esquecem mesmo a saúde, para se entre geganhar ao mais aturado e consciente trabalho. E apesar de todos quantos conhecem a vida lisbonense terem visto n'estes últimos annos o eminentíssimo artista apenas flançando pelas ruas da cidade, ora cavaleando pelas livrarias da baixa, ora passeando pelos asfaltos do Chiado, nem por isso elle deixava de se ocupar menos seriamente de theatro. Se a idade e o muito trabalho o tinham já acinquilhado para a lucra quotidiana, restava-lhe a paixão para aconselhar e dirigir, e os que conheciam os bastidores de Lisboa sabem quanto lhe deve o theatro de D. Maria, onde os seus dois filhos Jóao e Augusto Rosa tiveram conquistado pelo talento, ao lado do Brazão, as primeiras posições.

A critica de Rosa pae está feita por todos os grandes escritores do seu tempo. A nós, os novos, que não podemos apreciar o seu período de gloria, só nos compete olhar o artista que acaba de falecer como um grande vulto da arte dramática portuguesa, e descoñirmo-nos respeitosamente diante d'este nome illustre, como os parisienses se descobrem diante dos seus ídolos de theatro, sob os tecidos da *Comédie Française* e do *Odón*.

O retrato de Rosa pae que a *ILLUSTRAÇÃO* hoje publica, é um trabalho original devidão ao lapis do nosso colaborador António Ramalho, o distinto pintor português que se acha estudando em Paris. Esta pagina de modo artista revela tantos progressos e tantas belasas de desenho, que facil é prever-lhe o sucesso, mesmo entre os mais difficiles amadores e os mais difficiles criticos. A reprodução foi feita n'udoso primoroso ateliers zincographicos de Paris.

O DIA DE REIS EM ROMA

Na noite de ontem, o dia 25 de dezembro, feriado dos antigos romanos, costumes pagãos de que o catolicismo se impôs adaptando-as ás festas religiosas da nova religião. A estrada de monte avançou transformando-se entre os muros românicos igrejas e o *Refuge*, festa dedicada á infancia, confundindo-se com a festa religiosa da memória da viagem e da adoração do Menino Jesus.

A sociedade moderna reconstituiu intimamente esta festa, e os Romanos d'hoje esperam o dia da Epiphany para se darem presentes que marcam os diferentes graus d'affecção reciproca. As crianças, sobre tudo, esperam o dia de janeiro com o menor entusiasmo com que os ingleses e os franceses esperam o Natal e o Ano Novo, e as crianças em Portugal as ameaças.

Soh o punto de vista religioso, em dois episódios muito interessantes, é a declinação por exemplo, especialmente por meninos, de nomes que apresentaram de c.º. Isto passa-se na antiga igreja de Ara-Celi, proximo do Capitólio. A crimpaga que vai entrar sóbria para uma tribuna construída em frente do *presépio*, e a multidão aclama com alegria estas ingenhas phrases d'um bambino, celebrando a chegada ao mundo do Homem que devia pregar o Evangelho. É este assumpto que admiravelmente tratou no bello desenho de Pio Torri, que o voso jornal vejo hoje publicar.

A igreja de Ara-Celi é célebre pelos seus presépi. Fica-se extasiado diante da perspectiva da paisagem, diante d'estas pastores e d'estas rebalhos de madeira e de cartão, tão soberbamente trabalhados que quasi chegam a iludir a propria natureza. — S.

SARAH BERNHARDT

ENTRE as mulheres artistas do nosso século, é seguramente Sarah-Bernhardt a que mais tem dado que falar, encantando não só Paris, mas o mundo inteiro, com a sua ruidosa história das suas façanhas e das suas aventuras.

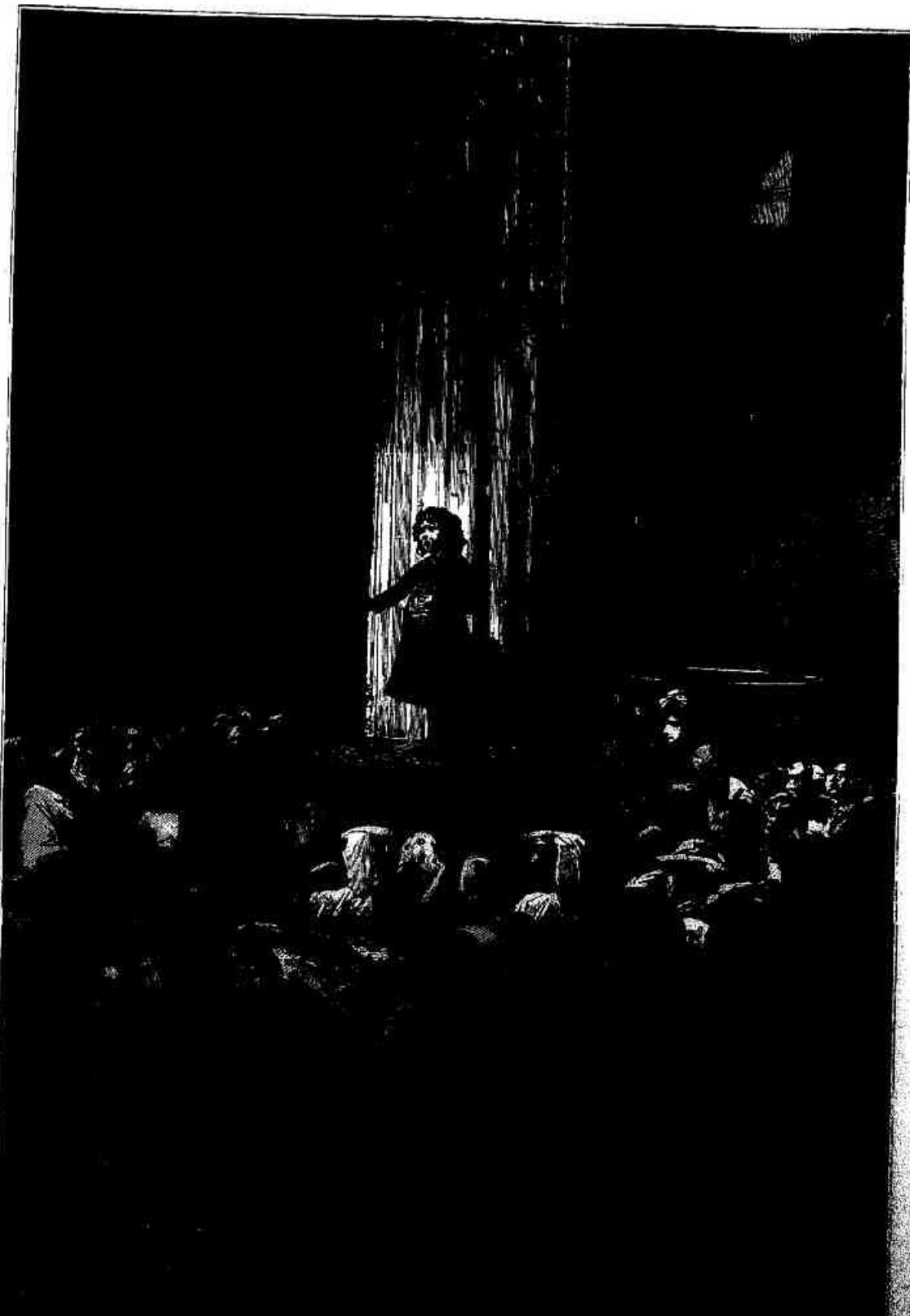
Quando publicamos o retrato de François Coppée, nas linhas que acompanhavam o perfil tão sympathico do ilustre poeta, já tivemos occasião de indicar que foi na sua deliciosa comedia *Le Passant*, representada no *Odón* de Paris, que Sarah-Bernhardt se revelou.

Depois do *Passant*, a eminentíssima actriz caminhou de triunfo em triunfo, entrando para a *Comédie Française*, onde fez duas creações que ficarão célebres no theatro contemporâneo — *Dona Sol* do drame *Hernani*, de Victor Hugo e a *Extrangeira*, de Alexandre Dumas filho. Questões d'interesse e de anôr proprio escandalizado fixaram com que ella abandonasse bruscamente a *Comédie Française* onde ainda não podia ser substituida, e que emprechesse ás suas grandes excursões pelo estrangeiro, sendo a mais notável a sua viagem á America do Norte e as suas viagens Inglaterra. Foi nestas excursões artisticas que ella criou o papel de Margarida Gautier, da *Dama das Camelias*, a *Sphinge*, e *Frou-frou*, peças que representou em Londres em companhia de seu marido, o grego Damala, de quem actualmente se acha separada, e com quem se casará em Londres.

Terminados os seus contratos para viagens pelo estrangeiro, veio definitivamente establecer-se em Paris, representando no *Vaudeville* o magnifico drama de Sardou, *Fedoras*, que foi magistralmente interpretado em Lisboa pela distinta actriz Virginia. Depois abandonou o *Vaudeville* para tomar conta de *Porte-Saint-Martin*, onde tem ultimamente representado a *Dama das Camelias*, *Frou-frou*, *Nanqu-Sabu*, a tragédia em verso de Richépin, *Macbeth*, tradução em prosa de Richépin, a onde acaba de interpretar o papel mais extraordinario de toda a sua vida, aquelle que mais se dá com o seu temperamento — esta *Theodora*, a nova e extraordinaria tragédia devida á pena do emblematico e barbillassimo dramaturgo que se chama Victorien Sardou. E n'esta peça que Sarah-Bernhardt se mostra verdadeiramente genial. E n'esta peça que



O ACTOR ROSA PAE — Desenho original do novo colaborador A. Ramalho



ITALIA. — O DIA DE REIS EM ROMA. — Um sermão de oranças na praça de Atri-Celi.

Sarah-Berahaut mostra todos as nuances do seu extraordinário talento. É nesse papel que a eminente atriz se acha verdadeiramente à sua vontade, num papel que sólamente sente, que ella advinha, que ella comprehende. É Theodora que dá toda a medida do seu excepcional talento,

Além d'actriz, Sarah-Bernhardt tem sido pintora, escultora, arquitecta, escritora, aeronauta. Tem feito quadros, esculturas, casas, livros e ascensões acima das nuvens. Tem feito reputações d'actritz, d'actores, de poetas, de prosaadores, de pintores, de escultores e de músicos. A sua vida tem sido agitada constantemente, pelas mais extraordinárias aventuras, que andam publicadas em todos os jornais de todos os países; e é com justa razão que a éstem classificada como a perfeita expressão da nevose, sobreintendida da nevose *parisiense*; uma vida toda feból, cortada de loucuras e de halucinações e de hysterismos, uma vida onde o gêmo predominia na maior intensidade, mas donde anda abstratido o senso prático da existência, o equilíbrio do dia a dia, a reflexão em fim.

Quanto ao retrato que hoje publica a *Ilustração* temos que chamar especialmente para elle a atenção dos nossos leitores. É a reprodução d'uma obra-prima de Bastien-Lepage, do ilustrado e mordizado pintor de quem publicamos o retrato no ultimo numero. A gravura de Ch. Bautie conservou religiosamente a delicadeza e o sentimento que possue o original. Representa Sarah-Bernhardt contemplando uma escultura que acaba de concluir. Poucas vezes perfil de mulher foi mais delicadamente interpretado, poucas vezes o placar d'um artista ainda no começo da sua carreira passou sobre uma tela com tanta inteligência e sciença de desenho. Este retrato pintado por Bastien-Lepage é uma das obras d'arte mais notáveis do ultimo quarto do nosso seculo, é uma das obras que mais concorresam para o grande renome do illustre artista.

E com verdadeiro orgulho que a Ilustração apresenta hoje aos seus leitores uma página tão nobre, que reúne em si duas qualidades de primeira ordem:

Fazer conhecer do público português e brasileiro uma das obras-primas d'um pintor ilustre como Bastien-Lepage que este mesmo público só conhecia o nome.

E fazer conhecer a physionomia da mais extraordinária actriz do nosso tempo, como é sem contestação Sarah Bernhardt.

UM ANNO QUE SE FOI

ERETIRAMENTO que este gordito bêbê, que no desenho do nosso distinto collaborador J. Villaga substitui a velha e lendária figura da Parece implacável, coemiu enfim o fio que nos trazia preso no anno de 84, e o mal-dito partiu, e vai d' aquia poter sumir-sela todo nor entre as densas trevas do passado.

Dissemos maldito, e parecer-nos que não fomos exagerados para com 84 que nos deixou as más terribles recordações. Basta folhear todo este anno da Ilustração para se avaliar quantas calamidades elle nous trouxe, quanto lucto e quantas lagrimas derramadas por esse mundo. Basta recordar a triste quadra do cholera-morbus: victimas causou em França, em Itália e em Espanha. Baste lembrar os nomes celebres, os homens eminentes que desapareceram na noite dos combates. E para concluir a sua grande obra de destruição, ao punto d'este mundo o anno de 84 foi semendo a morte, a ruina e a miséria em terras de Espanha, onde os ultimos tremores de terra causaram mais victimas e mais perdições que os combates de terra de Lechín.

Ainda bem que partiu! Ainda bem que bêbê se resolveu a dar o golpe final. Viva a 85, e que elle seja mais tranquila e mais longe em festejos.

O SEXTO CHAPTER DE « THEODORA »

Co bello desenho do nosso eminentíssimo
C. M. Belotti, desenho do nosso
bordador Adrien Marte dará aos nossos le-
itores uma vista exacta impressão dum
das acentas mais tragicas do soberbo dra-
ma de Victoriano Sardou.

Este desenho representa o sexto quadro, que se

passa no *carrasco imperial*, uma maravilhosa scenografia e decoração devida aos distinutos artistas Rebe e Chaperon. A ilustre tragédia Sarah-Bernhardt é admirável n'aquele grandioso gesto, quando afasta o véu que oculta a sua physionomia diante da multitudine radiosa, que se aglomeram sobre os degraus do imenso *hypodromo*.

De pé, sobre o trono, n'uma rigidez soberba, nos lados do imperador, esta figura extraordinária é bem a de *Theodora*, a criatura plenárius e enigmática, a cortesã que se fez imperatriz, a hennina grandiosa e extravagante de que a história antiga tanto se ocupou, que Sardou fez ressuscitar com o seu maravilhoso talento, e que Sarah Bernhardt personificou tão superiormente graças à sua maneira inimitável e única.

Pelo desenho do nosso colaborador os nossos leitores podem fazer uma ideia do modo como a tragédia foiposta em cena, das riquezas históricas e amontoadas, da soberbia reconstrução da arquitetura e da opulenta recriação dos costumes d'aquele tempo. É uma soberba mise-en-scene que ha de ficar celebre nos annais do teatro moderno, e faz honra à nova direcção da Porta Saint-Martin.

tudo organisaçāo, que tudo arranjou, e que tudo
foi expôr nas salas da Sociedade de Geographia,
rua do Alecrim.

Foi então, quando se estava na febre dos preparativos, uma auguriada sucesso, outros desastres, mas todos receiosos, e só Alberto d'Oliveria confiante o seguro no êxito da tentativa, tão seguro que até se aventurou na impressão d'um catálogo ilustrado no estúdio parisienne, estylo que elle aspirava com unção nas páginas da *Vie Moderne* e nos catálogos sabidos de chez Baschet, o intrepidó editor de obras artísticas — foi então que Mariano Pina, sob o pseudónimo de Z. Segredo, publicou um antigo no falecido *Diário da Manhã*, com este mesmo título de que hoje me sirvo — O grupo do Leão — título que correu mundo, que é hoje o título oficial dos chamados dissidentes, e antigo onde eram revolvidos os misterios e ladelas do grupo, e traçadas as physionomias dos filiados. No dia em que esse antigo apareceu, os do grupo traçaram de o ilustrar, e Mariano Pina recebia em seu casa bilhetes de visita com o bigode de Ramalho, e o bigode de Pinto, e a barba de Malhão e o cachimbo de Gyrão — a agradecerem. E a primeira exposição obteve um verdadeiro sucesso, e tão grande, que até pasmou Alberto d'Oliveria. Tinham ultrapassado todos as suas ilusões, todos os seus sonhos, todns as suas phantasias.

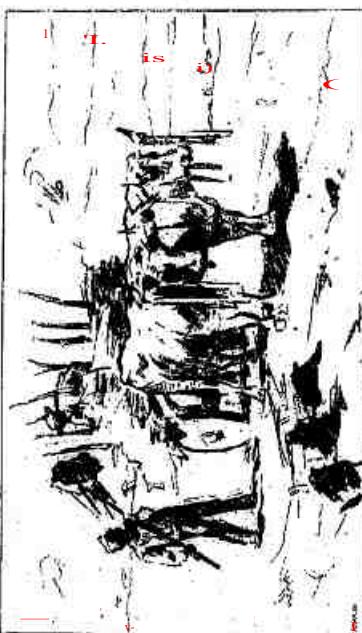


O GRUPO DO LEÃO.

SE me não engano foi Mariano Pina o primeiro jornalista que revelou ao público de Lisboa a existência d'um grupo d'artistas que se reuniam todas as noites na cervejeira da rua do Príncipe, discutindo e fazendo parócas d'estheticas oficial da Academia de belas artes.



• M'Silhouijtte'cio Toïdo.



A Academia empallidecerá.

A Crítica apoderar-se-á do acontecimento e durante quinze dias só se viam nos jornais artigos de doze columnas discutindo os *tongas* do sr. Ramalho, as atmospheras do sr. Silva Porto, as águas do sr. Vaz, o *yerde Velhaque* do sr. Columbano, os roncos do sr. Malhoa e as prospectivas do sr. Vieira. Todos os plumbários deram a sua opinião; e cada qual só agarrava a viva maravilha, a um regato ou a um pedaço de sol, para fazer as mais extraordinárias piruetas de rhetorica e de erudição. Que testes que nesses dias sofreram Gauthier, Taine e Proudhon. Pas de Cau! que traços!... E depois, que de luctas!... « O sr. Francisco é um ignorante em arte, pois não vai dizer no Clamor que a passageira do sr. Ramalho é feita em agosto, em pleno meio dia!... » — Pois o sr. Roberto é que é uma besta, e o sr. Francisco também. A passageira citada na 5^a mo, não é tal d'agosto, nem do meio dia. E dos fins de julho; a dina hórm e deserto minutos. ».

O que é um fato é que o público também tomou interesse pela exposição e os resultados ven-

A ILUSTRACAO



SARAH BERNHARDT

SARAH BERNHARDT

QUADRO DE BASTIEN LEPAGE

deram-se, e tecem-se vendido todos annos — e hoje quem souber pegar n'um pincel pode ter certeza da que ha de viver da sua arte em Portugal, sem precisar procurar nicho oficial.

Vejam o bello catalogo que Alberto d'Oliveira continua publicando todos os annos. Vejam o d'este anno. Já se pedem 60.000 reis por um quadro; já se pedem por um quadro 45.000 reis. E a dificuldade não está no preцdr, a dificuldade está no encontrar compradores — e o Grupo do Leão encontra-os!



Cuthberto. — Um retrato.

E a esse catalogo que eu arranco as paginas que uebo de espalhar por este artigo, para as oferecer aos meus leitores. Para esta reprodução sirvo-me dos magnificos processos de gravura chinesa que a ILLUSTRAÇÃO tem ao seu dispor em Paris.

Estes croquis dos autores reproduzem quadros expostos, e é inutil traçar o elogio dos desenhos de Malhoa que se está fazendo um artista distinssimo; do croquis de Silva Porto,



Malhoa. — Um estudo.

o nosso illustre paysagista; e d'este primoroso retrato de criança pintado por Columbano onde o artista que todos nós admiramos, revela as suas preciosissas qualidades de desenho. Quisera offerer mais algumas das paginas d'este catalogo, mas falta-me o espaço para a transcrição...

Não precisam de longos elogios dos seus contemporaneos os artistas que formam este sym-

pathico grupo. As gerações futuras d'artistas portugueses se encarregará de lhes fazer, porque os do Leão tiveram a coragem de lucrar e de viver fora de vida e qualquer dependencia da arte oficial, de abandonar os tristuns e sombrios corredores da Academia, e de preparar e educar o gusto do publico para saber não só como se aprecia, mas também como deve ser pago — a livre e independente obra d'arte!

Rip.



ESTUDOS SOBRE A INCUBAÇÃO

MARIE CAMILLE DARESTE trabalha ha alguns annos no estudo experimental do ovo, que contém o germen de toda a vida superior. Ù inutil fazer notar a importancia de semelhante estudo, e pôr em evidencia todas as dificuldades que elle comporta. O germen do ovo é um organismo vivo, no qual a vida esta latente até no momento de se manifestar sob a influencia de certas causas, sobre tudo a do calor. Em que casos se poderá prever a fecundidade ou a infertilidade do germen, e determinar se este está organizado ou mesmo morto?

O germen, já fecundado, mas ainda não submetido à incubação, começa a desenvolver-se sob a influencia de uma temperatura um pouco elevada; mas a sua evolução pára, e o germen desorganisa-se e morre. O germen pôde ser fecundado, viver, e contudo o embrião pôde ter uma morte precoce, quando se desenvolve de um modo anominal e se torna monstruoso.

» Porque é que a evolução, diz M. Dreste, é, ora normal ora anormal? Quais as causes que a modificam? É a pergunta que me fiz ha muito tempo. Guido por antigas experiencias de E. Geoffroy de Saint-Hilaire, pensei que modificando ligeiramente as condições physicas da incubação artificial poderia chegar a produzir monstros e a establecer pela observação directa as lois da sua formação. As minhas previsões foram plenamente justificadas. Produzi muitos milhares de monstros artificiais que me forneceram os elementos de que precisava para os meus estudos.

Durante muito tempo, M. Dreste só teve apparelhos de observação imperfeitos; ha seis annos, obteve, não sem dificuldade e gastos no concurso de um grande numero de membros da Academia das ciencias, um laboratorio especial, e pôde recomeçar as suas experiencias imprimindo-lhe maior precisão. Achou-se imediatamente em frente de um facto inesperado; por mais que variasse a forma das experiencias, achou sempre a formação simultânea de embryos normais e de embryos monstruosos.

Como explicar este resultado que indicava claramente que a evolução não depende só das condições physicas, por isso que, apesar d'estes condições serem identicas, os resultados variavam; que depende também de condições intimas, physiologicas, proprias do ovo, posteriores ao proprio fenomeno da incubação. Difficil problema era o de procurar e determinar estas condições que são muito numerosas. M. Dreste não as conhece ainda, todavia, mas conhece ao menos algumas d'elas.

Em primeiro logar a edade do ovo.

O germen do ovo posto e não submetido à incubação perde a vida intanto um certo tempo depois da postura.

» Mas, antes de morrer, a vitalidade do germen enfraquece a pouco e pouco. Vem uma época em que o germen só é capaz de produzir um embryo monstruoso; e uma outra época na qual só produz um blastoderme sem embryo. Ora este enfraqueci-

mento da vitalidade do germen é mais ou menos, segundo certas circunstancias. Em certos ovos, este phemoneno produtivo não é rapidamente que em outros. Além disso a elevação da temperatura do ar acelera e intensifica a degeneração. Umas experiências que fiz no mês de julho ultimo, ovos que tinha submetido à incubação, n'os dias depois da postura, deixaram todo monstro. Repetindo as experiências nos meses de outubro, a novas submettidas à incubação quinze e vinte dias depois da postura.

A ação tão prolongada, como a que resulta do transporte em caminho de ferro em um carro, trouxe também a produção dos monstros.

Falemos já do efecto do calor que pode desenvolver-se no interior dos ovos; os germens d'estes parasitas desenvolvem-se sob a influencia de um ar saturado de humidade: fazem morrer o embrião por asphyxia privando-o de ar respirável.

As causas perturbadoras são poés; a idade dos ovos, a agitação, o desenvolvimento dos microphytos. M. Dreste mostrou que os abalos não são todos igualmente prejudiciais; os mais perigosos são aqueles em que o ovo está colocado verticalmente com a extremidade da menor abertura para cima.

Quais são as condições physicas da incubação? Em primeira logar, é preciso colocar o calor: por meio de experiências feitas com apparelos a temperatura constante. M. Dreste reconheceu que a evolução normal se produz de 35 a 39 graus; as temperaturas superiores, de 40 a 44 graus, ou inferiores de 28 a 34 graus, dão lugar a evoluções anormais.

Estes algorismos parecem contradizer as ideias existentes a este respeito: quando se coloca um thermometro sob o ventre de uma galinha choca, o instrumento marca 40, 41 e 42 graus, e estabelece habituado a considerar estas temperaturas como as da incubação normal. Mas deve-se notar que em uma chocadeira artificial o ovo é igualmente aquecido por todos os lados, ao tempo que debaixo da galinha só recebe de um lado a alta temperatura supracitada.

O calor é a condição essencial, necessaria da incubação; as outras condições com que é preciso entrar em consideração não tem por fim determinar a vida, mas sim impedir a morte; são: a boa ventilação, o estado hygrométrico do ar, a limpeza da casca.

Qual é o papel da ventilação?

Não é destinado à respiração do embrião no ovo, nem a fazer sair o ar velado: o papel da ventilação é a ação sobre as vegetações no interior dos ovos.

» Existe em muitos ovos, antes de serem submetidos à incubação, esporos de cryptogamicas ou germens de microbios; estes germens acham-se no oviduto da galinha quando o ovo se forma e são apanhados pela formação da casca. Eis uma experiência que o demonstra:

» Tomo um ovo, limpo-lhe a casca esfregando-a energeticamente com uma escova molhada em uma solução de ácido salicylico: operação cujo fim é de arrancar ou destruir todos os germens adherentes à casca.

» Introduzo o ovo assim preparado em um frasco de meio litro de capacidade, previamente aquecido a 150 ou 160 graus, logo que a temperatura da estufa desceu a 100 ou 90 graus. Esta operação tem por fim destruir os germens adherentes às paredes do frasco ou existentes no ar. O frasco é em seguida fechado hermeticamente com uma rolha de caoutchuc, previamente lavada em uma solução de ácido salicylico.

» O frasco assim preparado e contendo o ovo é colocado em uma estufa à temperatura da incubação. No fim de alguns dias a superficie da casca da maior parte dos ovos cobre-se de uma vegetação cryptogamicas mais ou menos abundante. Quando se abre o frasco e se quebra a casca do ovo, encontra-se na albumina, e particularmente adaptadas à membrana de casca, grupos de mycelium que se desenvolvem em maior ou menor abundância. Em

seguida, estes mycelium penetrar na cámara de ar ou nas camaras de ar adventícias que se produzem em outros pontos do ovo, e então emitem ramos sporíferos.

Há pois, a partir da época da postura, ovos infectados e ovos sãos, e M. Dureste achou que o numero dos ovos infectados é considerável; estes germens desenvolvem-se no ar limitado, e quando o ar se renova nas chocadeiras, não chegam a desenvolver-se. Este facto capital demonstra bem a influencia e o papel da ventilação.

O estudo hygrométrico do ar não exerce influencia alguma sobre a evolução do embrião, a menos que o ar esteja próximo do seu estado de saturação; então o embrião morre, os ovos infectados morrem em consequência do desenvolvimento dos cogumelos, e os ovos sãos em consequência da liquefação da albumina.

A lavagem da casca tem por fim restituir-lhe a permeabilidade quando a perdeu accidentalmente, e esta permeabilidade é necessária para a evolução normal. M. Dureste, analysou muito completamente as condições da evolução e o seu trabalho é um bom exemplo para aqueles que pretendem ocupar-se da physiologia experimental.

O TELEPHONE APPLICADO A PREVISÃO DO TEMPO. — O Jornal dos Inventores traz uma experiência curiosa que dará origem a aplicações muito úteis.

Fixando a 7 ou 8 metros de distância duas bastes de ferro ligadas a um telephone por um fio de cobre envolvido em caoutchouc, é-se prevenido da chegada de uma tempestade *dove horas antes pelo menos*, por um ruído surdo no telephone. Quando esta tempestade se approxima, parece que se ouve o choque da saraiva grossa nos vidros, o cada relâmpago produz a mesma impressão que produziria uma pedra batendo contra o diafragma. As variações atmosféricas dão logar a ruídos característicos que um ouvido preparado pôde facilmente reconhecer.

Este apparelo convenientemente modificado ha de vir a fornecer um precioso auxiliar à meteorologia.

UM NOVO ELECTRO-MAGNETE. — A *Luz eléctrica* está estudando um electro-magnete, devido a M. Stanley-Curie, formado d'um electro-magnete com a forma de ferradura e de um solenoide. Enquanto o módulo ordinário só exerce a sua atração a 7 milímetros, o maximo, o electro de M. Curie atua a 95 milímetros.

NOVA ILLUMINAÇÃO PARA A PHOTOGRÁFIA. — A iluminação vermelho-rubim empregada pelos photographos nos seus laboratórios, fatiga muito a vista. Vae ser dentro em pouco substituída pela que propõe M. Debenham na quinta reunião anual dos photographos da América e que foi aceite com entusiasmo. M. Debenham obtem uma luz excelente para a photo-



UM ANO QUE PARTIU
Composição do nosso colaborador F. Villega.

graphia e para a vista, empregando o vidro verde coberto com papel alaranjado.

A METRALHADORA MAXIM. — M. Maxim, engenheiro americano bem conhecido pelas suas invenções e pelos seus trabalhos em electricidade, aplicou ultimamente o seu maravilhoso talento no estudo das máquinas de guerra e obteve um notável resultado.

A sua metralhadora experimentada nestes últimos dias em Londres, pode atirar 10 tiros por segundo e pesa 57 kilogrammas apenas. Compõe-se de um cano de calibre de 11^{1/4} aparelhado em um trípode colocado a 0° acima do solo, e de um comprimento total de 1425, compreendendo a culatra. Tiras de tela resistente análogas às cartuxas de caça encerram 333 cartuchos cada uma, os quais vem sucessivamente colocar-se no cano e receber a ação do percussor por meio de um mecanismo que utiliza simplesmente a força do couce.

Este apparelo pode ser apontado e regulado com parafusos; pode também ser dirigido pela mão. Evita-se o aquecimento no caso de um tiro rápido, por meio de um pequeno apparelho hidráulico.

Modificando esta metralhadora, pode-se substituir as tiras por cilindros de latão de 96 cartuchos. O mecanismo é o mesmo.

M. Maxim também operou transformações em espingardas ordinárias com o fim de utilizar a força do couce. As suas experiências tiveram por objecto as espingardas de Winchester e as de Martini Henri.

EMPREGO DO ACIDO SULFURICO PARA A DESTRUÇÃO DOS CADAVÉRES DE ANIMAIS E A FABRICAÇÃO DOS ADUBOS. — M. Aimé Girard descreveu o anno findo um processo que permite o emprego dos cadáveres de animais na fabricação dos adubos, operação excelente debaixo do duplo ponto de vista da salubridade e da produção de adubos baratos. Eis, sumariamente, a marcha das operações.

Os bocados dos animais retalhados a machado são deitados em uma grande bacia de carvalho forrada interiormente com uma folha de chumbo de 0,005 de espessura e cobertos com acido sulfúrico a 66%, de modo a banhar e cobrir a carne que uma rede de ferro impede de vir à superfície. Fecha-se com uma tampa movida por uma soldana e cujas bordas repousam em uma goleira cheia de um óleo qualquer. Depois de dois dias de tratamento, o acido sulfúrico já não marca senão 42%; substitui-se por uma nova quantidade de acido concentrado que dissolve a massa da carne em dois ou três dias. Com o acido sulfúrico da primeira operação e a dissolução final, transforma-se o fosfato de cal do commercio em super-fosfato azotado, muito mais barato do que o phospho-guano e tão rico em azoto como elis.



O SEXTO QUADRO DE «THEODORA»

OIS GRANDES INSTRUMENTOS ASTRONOMICOS. — O maior telescópio é aquele que o conde de Ross mandou instalar em Parsonsdown : o espelho metálico tem um diâmetro de 180 cm. O Observatório de Melbourne, na Australia, tem um telescópio cujo espelho, também metálico, mede 120 cm. O grande telescópio do Observatório de Paris é das mesmas dimensões : o espelho é de vidro protetido. M. Common, que obteve a medalha de ouro da Sociedade real astronómica de Londres pelas suas boas fotografias, posse um telescópio de espelho protegido de 92 cm. Parsonsdown tem um segundo telescópio de espelho metálico de 100 cm. Os Observatórios de Marselha e Tolosa têm telescópios de vidro protetido de 90 cm. Todos os outros são de menores dimensões.

O maior oculo astronómico que existe é o do Observatório de Viena, cujo objectivo tem 675 cm de diâmetro. Veio em seguida o do Observatório de Washington e de M. McCormick que tem 65 cm de abertura. O de M. Newell (que deu um excellento desenho do grande cometa de 1811) mede 665 cm de diâmetro... O Observatório de Paris vem em segundo lugar : o seu maior oculo, de 33 cm, está instalado na torre do Este ; um outro, de 31 cm, na torre de Oeste. O objectivo do grande instrumento meridiano (os oculos precedentes são equatoriais) mede 24 cm. O círculo meridiano devido à liberalidade de M. Bischoffsheim tem 19 cm. O Observatório de Bordeus possui um oculo, equatorial, cujo objectivo é de 38 cm.

O Observatório de Nice, propriedade de M. Bischoffsheim tem um grande oculo equatorial de 37 cm. Marselha tem um objectivo de 255 cm e Tolosa de 345 cm.

Estão-se construindo outros oculos de maiores dimensões : o primeiro é do Observatório Lick (monte Hamilton) que terá 90 cm. Nice e Pulkowa terão um objectivo de 75 cm. Enfim um grande oculo de 16 metros de comprimento e 70 cm de abertura, no princípio destinado ao Observatório de Paris, mas que terá outro destino, está igualmente em construção. Vemos pois que a França, ainda que bem preparada, está longe de ocupar o primeiro lugar.

Sabemo os astrónomos franceses, e é de esperar que sustentem a honra da França pelos seus trabalhos individuais logo que obtiverem como alguns dos seus collégas estrangeiros uma latitude suficiente.

IN HER BOOK

*Ella andou por aqui; andou. Primeiro,
Por que ha traços de suas mãos; segundo,
Por que ninguém como ella tem no mundo
Este exquisito, este suave cheiro.*

*Livro, de beijos meus teu rosto inundo
Porque dormiste sob o travessero
Em que ella dorme o seu dormir leveiro
Como um sonho de estrela em céu profundo.*

*Trouxeste, bella, o olor de uma caçoula,
A luz que canta, a mansidão da rosa
E este estranho mexer de ethereos ninhos;*

*Rufos de aza, amoras dos silvedos,
Frescuras d'água, sombras e arvoredos
Dando seca aos rosas pelos caminhos.*

Rio de Janeiro.

LUÍZ DELFINO.



T

HEODORA é a heroína do dia, o único acontecimento de sensação, o grande facto teatral do fim do anno de 84. Mais uma vitoria para Sardou, e mais uma gloria para Sarah Bernhardt. A peça é realmente admirável ; o desempenho extraordinário por parte de Sarah, de Maria Laurencie, do actor Marnier, e a *mise en scene* da Porte Saint-Martin de Paris tão deslumbrante — que eu sinto verdadeiramente prazer em falar o espaço, porque o que me era destinado achar mais útil aplicá-lo a uma rápida tradução d'uma das seconas da tragédia, e não saberia contar aos meus leitores a série de imprevidas extraordinárias que esta peça me causou. Apenas duas palavras d'história para se fazer uma ideia da nova obra de Sardou : Theodora nasceu no anno 500 da era christã, e era filha d'um sacerdote Agacius que, no tempo do imperador Anastasio, exerceu as funções de guarda das armadas destinadas aos espiaciaculos do Hippodromo.

Quando o pae morreu caiu na miseria, e mais us fomos, e foi trabalhar para o teatro de Byzancia. Primeiro fazia papéis de compras, depois de escravas ; e pouco a pouco, por que era formosa, foi sendo notada, cortejada, desejada, transformando-se mais tarde n'uma cortez que todos disputavam e queriam possuir, mas continuando sempre no teatro onde chegou a fazer peças grotescas nas minúsculas que se representavam então.

Theodora foi portanto uma grande cortez, tão grande como a Messalina, e foi d'esta Theodora que o imperador Julianus se apaixonou, e de tal modo, que chegou a casar com ella. A partir d'então é que a sua personalidade se tornou verdadeiramente extraordinária, dominando todo o imperio porque dourava seu marido. E foi em 532, no momento d'uma grande insurreição que Belisarius, o braço direito de Justiniano, affogou em ondas de sangue, foi em 532 que Sardou pegou em Theodora, para fazer com o personagem histórico a sua grande peça, onde elle faz reviver todo o imperio do Oriente, atirando ao público com uma deslumbrante visão de grandezas, de magnificências, de paixões e de crimes ; e desenhando magistralmente este tipo de Theodora que velo de tão baixo e tão alto subiu, d'esta mulher que depois de ser presa substituído por entre as camas inferiores, chegou a ser a esposa poderosissima d'um homem que foi um tyrano cruel, um grande legislador e o senhor do mundo.

A scena que vos seguir é aquella onde Sardou desenha os caracteres de Theodora e de Justiniano, uns das mais importantes da peça, e que os meus leitores vão certamente com prazer, por ser uma verdadeira novidade literaria.

BASILIO.

UM FRAGMENTO

DE

THEODORA

SEGUNDO ACTO. — QUARTO QUAZO

SCENA II

JUSTINIANO E THEODORA

THEODORA, afastando o reposteiro

Ahi ! estás só ? (Aproximando-se de Justiniano, sentado.) Conversemos... .

JUSTINIANO, bruscamente

... Dondé vens... .

THEODORA

... Da cidade, onde se passam boas coisas... .

JUSTINIANO

Depois trataremos d'isto... Falemos de ti.

THEODORA, tranquilamente

Ah ! Ah !... Pelo que vejo é uma disputa ? (*Passei por diante d'elle e vai sentar-se nos charões d'esquerda da mesa.*)

JUSTINIANO, da pd

Pela segunda vez, — donde tens... .

THEODORA

Pela segunda vez, — venho da cidade.

JUSTINIANO

A pé, só, com uma criada e dois escravos ?

THEODORA

Preciso por acaso d'um sequito ?

JUSTINIANO

A estas horas da noite ?... .

THEODORA

A noite está tão bonita... .

JUSTINIANO, de pé, passeando d'un lado para outro

Percorrer as ruas ao luar, como as bordadeiras de seda, em busca d'aventuras... Uma imperatriz... .

THEODORA

Hus de convir, que não vale a pena ser imperatriz só para me privar do que me agrada.

JUSTINIANO

Ha prazeres dignos de ti ; procura-os.

THEODORA

Só ha um digno de mim : fazer o que me apetece.

JUSTINIANO

Que prazer na verdade confundir-se na rua com a multidão !

THEODORA

Questão de gesto ! — Se sou feliz quando deponho por algum tempo a *sublimidade* que me aborreço a divindade que me pesa, e vagabundo como nos bons tempos da miseria... onde está o mal, e por que motivo deixarei de o fazer ?

JUSTINIANO

Bonita recordação com effeito !

THEODORA

Só te sentes feliz no ar abafado d'este quarto, com os olhos pregados no tecto, beatamente com frades sobre puerilidades místicas, tratando de questões tão importantes como o sexo dos anjos : se os ha dos dois sexos, de um só, ou de ambos ao mesmo tempo... ou do neutro. Nunca te observei que um imperador podia ocupar-se com problemas mais urgentes. Colhe o prazer onde o encontras, e deixa-me procurá-lo onde eu quizer.

JUSTINIANO

O meu é honesto, e o teu não... .

THEODORA

Perfeitamente ; mas quando se quer para mulher uma matrona dos tempos antigos faz-se melhor escolha... .

JUSTINIANO, com amargura

E não se vai apanhá-la ao meio da rua !... .

THEODORA

Justamente onde nos encontrámos ! Meu pae era saltimbancio, o teu carroceiro. Entre a valeta e o enxurro estava indicada a aliança.

JUSTINIANO, surdamente

Mais uma razão, se viemos de baixo, para não o

recordar ao povo pelas nossas ações e para lhe fazer esquecer o teu passado!...

THEODORA

Procura antes faze-lhe esquecer o teu presente.

JUSTINIANO

É esse que elle temerá!

THEODORA

É esse que elle teme!...

JUSTINIANO

Odeia-me, se quizeres!... mas não me despreza.

THEODORA

Oh!... as vezes!...

JUSTINIANO, chegando a elle

É de certo por ter feito d'uma comedianta uma imperatriz.

THEODORA

Pois fizeste bem casando com a tal comedianta! O Céu destinaria para frade ou advogado, e só és o herdeiro dos Cesares devolvendo precisamente à comedianta... (Movimento de Justiniano.) Nega-o se és capaz!... Teu tio, o imperador Justino, era um velho idiota e importuno, o condennei-me a distraí-lo com as minhas histórias e as minhas canções. — Para comediu! — Sua mulher Lupicina odiava-te, — e eu era humilde e servil com ella: Comedia! sempre comedia! (Levanta-se.) Mas comedia que te fez patrício, depois filho adoptivo de Justino, e emfin essa imperador que para ahí está!... Graças a todas as comedias que houve por bem representar om seu proveito, a tal comedianta!

JUSTINIANO

Em seu proveito também!

THEODORA

... E com o teu auxilia! — Porque enfim, tu também és um grande actor!... Um dia, n'este oratório, partilhaste a hostia com Vitaliano, teu associado no imperio. E na mesma tarde mandaste-o estrangular ali, entre aquellas duas portas!... Por Jupiter! que não sou da tua força. Comedi pela manhã, e tragediu à noite! Que artista! (Desce.) De resto, sempre em scène!... As leis que Triboniano te fabrica e que tu assignas!... As batalhas que Bellisario te ganha e de que tu triumphas!... Outras tantas imposturas, outras tantas farsas!... (Senta-se diante da mesa.) O teu imperio é no círculo. Não mudei de profissão, mudei de papel, simplesmente. D'antes fazia os figurantes, hoje faço as imperatrizes, como tu os Cesares, depois de teres feito os comparzes... Quanto ao valor da peça!... entre nós, heim?... Que nos mostremos convictos diante d'este bom público, vâ!... Mas uma vez em casa e postos de parte os nossos papéis, ah! por Deus, abrisco as mescarnas!... Depois os teus lauros postigos, e o teu heroísmo de latão, Cesar de hypodromo. Mas quereres representar ainda de imperador, lóra da azena! a sós comigo!... Alto lá, meu camarada, deixa-me rir!

JUSTINIANO diante d'ella, as mãos sobre a mesa, e ameaçador.

E se realmente eu fosse esse imperador!... Mesmo contigo!...

THEODORA, sempre sentada e tranquillamente, sem olhar para elle.

Desafio-te!...

JUSTINIANO

Desafios-me?...

THEODORA, do mesmo modo.

Por que o teu talento sou eu. E quando representas só, assobiámos-te!

JUSTINIANO, sentado ao pé d'ella no coxim.

Finalmente, donde tens?... donde tens?

THEODORA

Das Pontes!

JUSTINIANO

Mentira! Mandei as Pontes, e não estavas lá,

THEODORA

Já lá não estava.

JUSTINIANO

Não te tinham visto.

THEODORA

Por que me não deixei ver.

JUSTINIANO

E viram-te entrar no círculo, nos Belisarios.

THEODORA

Exploragem, heim!... Bonito! — Pois bem, é verdade, fui ao círculo.

JUSTINIANO

E depois?

THEODORA

Não te contaram os teus espíões?

JUSTINIANO

Não!

THEODORA

Então roubam-te, tua economia que podes fazer. — Se fosses bem informado, saberias que estive em casa do meu amante.

JUSTINIANO

Não me digas isso, nem a brincar.

THEODORA

A brincar! — As mulheres são tão astutas, que talvez esteja disposta a verdade, mesmo a tirar. — E enquanto me julgam ocupada a prevenir o perigo que nos ameaça...

JUSTINIANO

O perigo?

THEODORA

Está noite mesmo.

JUSTINIANO

Esta noite?... Que perigo?

THEODORA

Pergunta-d aos teus espíões.

JUSTINIANO

Basta! o que há?... E de que perigos estás falando?

THEODORA

Dos que ameaçam a tua honra de marido.

JUSTINIANO, pegando-lhe na mão.

Basta, já te disse, basta! Fallemos seriamente. Vejamos, que se passa?...

THEODORA, repelindo-o

Imbecil!... Levantar discussões estupidas entre nós dois — entre leão e leoa — quando não bastam todas as nossas garras contra a revolta que se prepara!

JUSTINIANO

A revolta?

THEODORA

Sim, a revolta!... Enquanto estás para ahí rabisgando papelladas com o teu Triboniano, sabes por acaso em que se occupa o teu povo?... Afia as espadas e accende os arcos!... (De pé) Olha, escuta! estes rumores para o lado do porto! — Parece-te isto uma cidade adormecida?

o drama da vida da juventude

É verdade! — E este clima?

Ilustração

Um incendio!...

JUSTINIANO

Ora!... Todas as ruas!...

THEODORA

Sim,... Mas não se vê todos os ruas um cortejo de mulher arrastado pelas ruas, entre gritos de morte e de vitória!... Bandos armados hercúleos, carregões infames contra mim!... Enfim, os doce jardins batidos em trez encontros pelas ruas, aos quais se une toda a canalla da cidade!...

JUSTINIANO, alterado

Já chegemos a essa extremidade!...

THEODORA

Sim, a essa extremidade!... E os meus passeios nocturnos servem só menos pra 'o vir contar'.

JUSTINIANO

É preciso dar ordens, depressa!... Chama-mos!...

THEODORA

Está feito!...

JUSTINIANO

Tu?... já?...

THEODORA

Logo que cheguei. Julgas-me tão doida que perca o meu tempo a ouvir-te?... Vac sentar-se à esquerda!... Enquanto me insultos correm a casa de Bellisario e do perfeito En'emon, com ordem de os trazerem aqui secretamente! É inútil amotinar todo o palacio!

JUSTINIANO, de joelhos e beijando-lhe as mãos

Ah! muito bem! muito bem! Reconheço Augustal! Sempre o bom conselho e a salvação... a minha inteligência é a minha força!... Oh minha Theodora... meu presente do Céu!...

THEODORA

Pois sim, pois sim! — Mette-a n'um convento, a tua comedianta, — e não dou nem mais um dia de vida à tua Eternidade!

EGORRATAS, entrando

O patrício Bellisario sollicita...

JUSTINIANO, de pé, interrompendo-o

Sim! sim! que entre! (Euphratz soe, — A Theodora.) E com a sua ajuda e a de Deus!...

THEODORA

Deixa Deus em paz e não o obrigue a ocupar-se de nós!... É bem mais seguro!

VICTORIEN SAMOÜ.

CONTENCIOSO. — Negocios civis e commerciais; correspondência, cobranças, heranças.

Indicações comerciais.

Perseguir e defender diante de todos os tribunais franceses.

Administração de propriedades em França.

Encarregar o Director do Contençioso dos 4 arrondissements, — 12, boulevard de la Villette, — Paris.

PASTA EPILATORIA DUSSER

Para libertar o rosto de cabelos e penugens superficiais a Pasta epilatoria Dusser é d'uma eficácia semegual, e possue ainda a imensa vantagem de ser isenta de qualquer ação química e por consequência absolutamente inofensiva! — 1, rue Jean-Jacques Rousseau, Paris, e em todos os principais perfumarias de Portugal e do Brasil.

